

AÇÕES DE INTERVENÇÃO E ORIENTAÇÃO NUTRICIONAL PARA ESTUDANTES COM TRANSTORNOS ALIMENTARES NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

NUTRITIONAL INTERVENTION AND
GUIDANCE ACTIONS FOR STUDENTS
WITH FOOD DISORDERS IN BRAZIL: A
SYSTEMATIC REVIEW OF LITERATURE

Amanda Magnano Menon *amandammenon@gmail.com*

Mestranda em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná (Cornélio Procópio/Brasil).

Nutricionista da Alimentação Escolar no Departamento de Educação
da Prefeitura Municipal (Nova Fátima/Brasil).

Marília Bazan Blanco *mariliabazan@uenp.edu.br*

Professora na Universidade Estadual do Norte do Paraná (Cornélio Procópio/Brasil).

Marlize Spagolla Bernardelli *marlizespagolla@uenp.edu.br*

Professora na Universidade Estadual do Norte do Paraná (Cornélio Procópio/Brasil).

RESUMO

É crescente o número de jovens apresentando comportamentos alimentares inadequados e insatisfação com a imagem corporal, o que aumenta o risco de desenvolver transtornos alimentares, com início cada vez mais precoce. Entre os transtornos alimentares mais descritos na literatura estão a anorexia nervosa, a bulimia nervosa, o transtorno de compulsão alimentar e, o mais recente, ortorexia nervosa. Portanto, a presente revisão sistemática visa analisar as produções que abordam os transtornos alimentares em estudantes brasileiros e, ainda, identificar quais realizaram ações de intervenção ou orientação para tal população. Os periódicos foram encontrados por meio do portal de busca Bireme, utilizando as palavras-chave "transtornos alimentares" e "estudantes", analisando apenas as produções com texto completo em português publicadas nos últimos cinco anos. Foi possível perceber que não há, na literatura atual brasileira, pesquisas científicas que realizam ações de intervenção e orientação a respeito dos transtornos alimentares com estudantes brasileiros, e apenas parte dos trabalhos encontrados mencionam sua importância. Este resultado reforça a necessidade de estudos que possibilitem a realização de ações para orientação nutricional acerca de fatores de risco que podem desencadear os diversos tipos de transtornos alimentares na população jovem.

Palavras-chave: Transtornos alimentares. Estudantes. Intervenção nutricional. Revisão sistemática.

ABSTRACT

The number of young people with inadequate eating behaviors and dissatisfaction with body image is increasing, which increases the risk of developing eating disorders, with an ever earlier onset. Among the eating disorders most described in the literature are nervous anorexia, nervous bulimia, binge eating disorder and the more recent, nervous ortorexia. Therefore, this present systematic review aims at analyzing the productions that approach eating disorders in Brazilian students, and also to identify those who have carried out intervention or orientation actions for such population. The journals were found through Bireme search portal, using the keywords "eating disorders" and "students", analyzing only full-text productions in Portuguese published in the last five years. It was possible to notice that, in the current Brazilian literature, there are no scientific studies that carry out intervention and orientation actions regarding eating disorders with Brazilian students, and only a few of the studies found mention its importance. This result reinforces the need for studies that make possible the accomplishment of actions for nutritional orientation, about risk factors that can trigger different types of eating disorders in the young population.

Keywords: Eating disorders. Students. Nutrition intervention. Systematic review.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, o conceito de corpo bonito ou saudável tem passado por diversas transformações. No início do século XX, o corpo de uma mulher considerado como ideal era voluptuoso e arredondado (SANTROCK, 2010), com deposição de gorduras em quadris, coxas, barriga e mamas. Durante o período pré-industrial, devido a carência alimentar mais frequente, a mulher acima do peso que hoje seria considerado ideal era símbolo de uma mulher forte, com energia para proteger sua família. Ao longo do século XX e principalmente a partir da década de 60, inicia-se a busca excessiva por um corpo magro, atlético e com formas bem definidas, sendo tratado como um verdadeiro objeto de consumo (ANDRADE; BOSI, 2003; BOTELHO, 2009; MACEDO et al., 2015).

O culto ao corpo perfeito está associado a uma imagem social de beleza e poder; contudo, muitas vezes os padrões estéticos são quase inalcançáveis, sendo crescente a insatisfação das pessoas com sua própria aparência (ALMEIDA et al., 2005; MACEDO et al., 2015). Esse padrão distorcido de beleza atinge principalmente indivíduos do gênero feminino que se submetem a dietas restritivas, excesso de exercícios físicos, uso indiscriminado de laxantes, diuréticos e drogas anorexígenas, comportamentos considerados como precursores de transtornos alimentares (SAIKALI et al., 2004; CARVALHO; AMARAL; FERREIRA, 2009; NUNES; VASCONCELOS, 2010).

Segundo a American Dietetic Association (2011), transtornos alimentares (TA) são caracterizados como distúrbios psiquiátricos que causam prejuízos biopsicossociais com elevado risco de morbidade e morbimortalidade na população. Possuem uma etiologia multifatorial, como predisposições genéticas, socioculturais e vulnerabilidades biológicas e psicológicas.

Conforme o DSM-V – Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 329), os transtornos alimentares

[...] são caracterizados por uma perturbação persistente na alimentação ou no comportamento relacionado à alimentação que resulta no consumo ou na absorção alterada de alimentos e que compromete significativamente a saúde física ou o funcionamento psicossocial.

O DSM-V inclui, nesse grupo, os transtornos de pica, de ruminação, transtorno alimentar restritivo/evitativo, anorexia nervosa, bulimia nervosa, transtorno de compulsão alimentar, outro transtorno alimentar especificado e transtorno alimentar não especificado.

De acordo com a World Health Organization – a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2008), juntamente com a obesidade, os TA vêm atraindo a atenção da comunidade médica, tendo em vista um crescimento significativo dessas desordens em âmbito mundial.

Dessa forma, o aumento da incidência e prevalência dos TA em países desenvolvidos e em desenvolvimento tem fomentado o interesse de pesquisadores de estudar programas que buscam a prevenção destes problemas, em função das consequências físicas e emocionais causadas aos indivíduos, os custos elevados do tratamento e o sofrimento psicológico dos familiares (DUNKER, 2009).

Os tipos de TA mais encontrados na literatura e que serão descritos nessa revisão são anorexia nervosa, bulimia nervosa e transtorno de compulsão alimentar (FIATES; SALLES, 2001), além da ortorexia nervosa, definida mais recentemente (MARTINS et al., 2011).

A Anorexia Nervosa (AN) é caracterizada pelo DSM-V como uma restrição da ingestão calórica em relação às necessidades nutricionais, levando a um peso corporal relativamente baixo segundo a idade, gênero, trajetória do desenvolvimento e saúde física; medo intenso de ganhar peso ou engordar; e perturbação no modo como o peso corporal é vivenciado (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Trata-se de um transtorno no qual o comportamento alimentar produz excessivo desgaste físico e psicológico, com os aspectos mais visíveis no desgaste físico, em função da grande perda de peso que a pessoa se impõe. Devido ao desajuste da autoimagem, o indivíduo acredita estar sempre acima do peso, tendo um controle obsessivo de sua alimentação, mesmo que seu organismo esteja prestes a um colapso provocado pela inanição (TURKIEWICZ, 2010).

Segundo a American Psychiatric Association (2014), a prevalência de AN entre jovens do sexo feminino é de 4%. No Brasil, a prevalência de comportamentos alimentares considerados de risco para o desenvolvimento da AN pode variar entre 4,9% a 25% da população (ALVES et al., 2008). Fleitlich (2000), Souza e Santos (2010) e Valdanha (2013) destacam que a abordagem familiar é muito importante, principalmente quando sua manifestação ocorrer na adolescência. Jovens do sexo feminino que exercem profissões como modelos e bailarinas, que constantemente se submetem a algum tipo de controle de peso (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 2000), e acadêmicos da área da saúde compõem o quadro de indivíduos com maior risco de desenvolver AN (REIS, 2014).

A Bulimia Nervosa (BN), segundo o DSM-V, pode ser diagnosticada por meio de episódios recorrentes de compulsão alimentar e comportamentos compensatórios inapropriados para evitar o ganho de peso, como o vômito autoinduzido, pelo menos uma vez por semana; a autoavaliação é indevidamente influenciada pela forma e pelo peso corporal; e a perturbação não ocorre apenas durante episódios de anorexia (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). É caracterizada por uma ingestão exagerada de alimentos, em média três a quatro mil calorias por vez, seguida de uma reação auto condenatória que resulta em comportamentos compensatórios como exercícios físicos exaustivos, automedicações e principalmente indução ao vômito. Por esses motivos, os pacientes com BN podem apresentar disfunções

endócrinas, hematológicas e gastrintestinais (ABREU, 2004). Porém, não há transformações corporais radicais, tais como a magreza extrema da AN, conseguindo manter um peso corporal próximo à eutrofia, e podendo até mesmo apresentar sobrepeso (ASSUMPÇÃO; CABRAL, 2002).

O transtorno de compulsão alimentar (TCA) tem como critérios diagnósticos descritos no DSM-V episódios recorrentes de compulsão alimentar, como ingestão exagerada de alimentos em um certo período de tempo ou sensação de falta de controle da ingestão, ocorrendo pelo menos uma vez por semana, e sofrimento marcante em virtude do comportamento compulsivo; esses episódios não estão associados exclusivamente a comportamentos de AN ou BN (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Pode-se dizer, portanto, que os indivíduos com TCA apresentam episódios de compulsão alimentar, mas não praticam medidas extremas para evitar o ganho de peso como pessoas com bulimia, as quais são, em sua maioria, pessoas obesas e principalmente adolescentes. A prevalência na população americana é de 1,6% entre as mulheres e 0,8% entre os homens (AMERICAN SPYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Pessoas obesas com TCA, quando comparadas com indivíduos obesos que não possuem tal característica, têm pior resposta aos regimes de tratamento, o que se faz necessário um acompanhamento por meio de orientação dietética adequada com refeições regulares associadas à psicoterapia cognitivo-comportamental (APPOLINARIO; CLAUDINO, 2000).

Já a Ortorexia Nervosa (ON) é um termo derivado do grego "orto", que significa correto, e "rexia", que corresponde a apetite. É um comportamento alimentar considerado patológico, caracterizado por uma preocupação obsessiva pelo que se come, no qual os indivíduos tem fixação por alimentos classificados como saudáveis; dedicam-se mais de três horas por dia para a dieta, entre planejamento, aquisição, preparo e consumo; excluem radicalmente da alimentação corantes, conservantes, pesticidas, ingredientes geneticamente modificados, gorduras, sal e açúcar, por serem componentes prejudiciais à saúde; e somente sentem-se seguros e confortáveis ao seguirem uma alimentação orgânica, ecológica e funcional. As restrições se iniciam com o objetivo de melhorar a saúde, tratar alguma enfermidade ou perder gordura corporal, porém, a dieta passa a ocupar lugar central na vida destes indivíduos (MARTINS, 2011).

O foco da ON está na fixação pela qualidade do alimento ingerido e para alcançar a "dieta perfeita", mas nem sempre estão preocupados com a imagem corporal. Contudo, o fato de seguirem uma dieta estritamente restritiva pode levar ao desenvolvimento de carências nutricionais, como anemia, hipovitaminoses, osteoporose e desnutrição (SÁNCHEZ; MORENO, 2007).

Pontes (2012) sugere que estudantes e profissionais da saúde são mais vulneráveis a desenvolverem este tipo de transtorno, principalmente da área da Nutrição, pois além de terem uma preocupação muitas

vezes excessiva com o peso e a imagem corporal, sentem-se cobrados a manterem uma alimentação saudável perante a comunidade. Dessa forma, o comer corretamente não está associado apenas a promoção de saúde e prevenção de doenças, mas também com um comportamento socialmente aceitável.

A etiologia dos TA é considerada multifatorial. Acredita-se que a adolescência represente o ciclo de vida de maior exposição para sua ocorrência (BRANCO; HILÁRIO; CINTRA, 2006), com uma maior incidência em jovens que apresentam relação conturbada com o alimento e o corpo (ALVARENGA; SCAGLIUSI. PHILIPPI, 2011). Ao avaliar a compulsão alimentar em estudantes universitárias no sul do país, pesquisadores constataram uma relação entre obesidade e compulsão alimentar devido às vulnerabilidades da adolescência e pressões impostas pela sociedade para a busca de um corpo magro, o que facilitava o desenvolvimento de transtornos alimentares (VITOLLO; BORTOLINI; HORTA, 2006).

Dessa forma, o presente artigo traz o seguinte questionamento: de que modo os transtornos alimentares em estudantes têm sido abordados em periódicos brasileiros e quais medidas de intervenção são realizadas?

A presente revisão visa analisar as produções em português que abordam os transtornos alimentares em estudantes brasileiros, e ainda identificar quais realizaram ações de intervenção ou orientação para tal população.

Nesse sentido, este trabalho segue dividido em duas seções: primeiramente, o levantamento dos artigos com texto completo em português e, em um segundo momento, a caracterização destes artigos com enfoque nas possíveis propostas de ações de intervenção.

2 MÉTODOS

Esta pesquisa configura-se como uma revisão sistemática de literatura, que se propõe a reunir, selecionar, classificar e sintetizar as informações relevantes encontradas em pesquisas. Dessa forma, segundo Cordeiro e colaboradores (2007, p. 429), uma revisão sistemática

[...] objetiva responder a uma pergunta claramente formulada, utilizando métodos sistemáticos e explícitos para identificar, selecionar e avaliar as pesquisas relevantes, coletar e analisar dados de estudos incluídos na revisão.

A base de pesquisa utilizada nesta revisão foi o portal de busca BIREME¹, a partir da busca avançada com as palavras-chave “transtornos alimentares” e “estudantes”, em título, assunto ou resumo. Logo após essa busca, foram selecionados somente artigos com texto completo em português, publicados nos últimos cinco anos, que abordassem a ocorrência de transtornos alimentares em estudantes brasileiros, tema de interesse dessa pesquisa. O período de realização foi durante os meses de maio e junho de 2017.

2.1 PESQUISA DOS ARTIGOS NO PORTAL DE BUSCA BIREME

A partir da busca com as palavras-chave “transtornos alimentares” e “estudantes”, ao delimitar, por meio da ferramenta de filtro do portal, o prazo de publicação entre 2012 e 2016 e texto completo em português, foram encontrados 18 artigos. Destes, quatro apareceram em duplicidade e um não tratava apenas de estudantes, e sim pacientes de um serviço especializado. Desse modo, o número de trabalhos encontrados foi corrigido para 13 artigos, os quais serão utilizados para compor esta revisão sistemática e estão apresentados no Quadro 1.

Os 13 artigos foram lidos na íntegra para identificar quantos apresentavam ações de intervenção ou orientação a respeito dos transtornos alimentares em estudantes. A busca foi realizada a partir de duas palavras-chave conjuntas, pois o interesse dessa revisão é tratar dos transtornos alimentares apenas em estudantes. O período de publicação foi um critério de exclusão definido para delimitar pesquisas mais atuais em relação à temática.

No quadro a seguir, estão apresentados os artigos com texto completo em português, publicados nos últimos cinco anos, que estão relacionados a transtornos alimentares em estudantes brasileiros, assim como a avaliação de suas revistas pela Qualificação de Periódicos – Quadriênio 2013-2016, da Plataforma Sucupira em Ensino:

¹ Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/advanced/>>.

Quadro 1 - Artigos a respeito de Transtornos Alimentares em estudantes brasileiros no Portal de Busca BIREME

TÍTULO	AUTORES /ANO	REVISTA/ ISSN / QUALIS	OBJETIVOS
1. Transtornos alimentares, imagem corporal e estado nutricional em universitárias de Petrolina-PE.	Karine Maria Bento et al. (2016).	Revista Brasileira de Ciências da Saúde – 1415-2177 /B4.	Verificar o comportamento de risco para transtornos alimentares, estado nutricional e percepção da imagem corporal em estudantes femininas de cursos da área da saúde.
2. Complicações obstétricas e idade materna no parto são preditores de sintomas de transtornos alimentares em estudantes universitários da área da Saúde.	Mara Cristina Lofrano-Prado et al. (2015).	Revista Einstein – 1679-4508 /B1.	Identificar a associação entre fatores perinatais/neonatais e sintomas de transtornos alimentares em estudantes universitários.
3. Dimensão atitudinal da imagem corporal e comportamento alimentar em graduandos de Educação Física, Nutrição e Estética da cidade de Juiz de Fora-MG.	Alessandra Batista et al. (2015).	Revista da Educação Física – 1983-3083/ B1.	Analisar a prevalência de insatisfação corporal, checagem do corpo, influência da mídia e comportamento alimentar em estudantes de cursos da área da saúde.
4. Comportamento alimentar e imagem corporal entre estudantes de Medicina.	Maria Lúcia Magalhães Bosi et al. (2014).	Revista Brasileira de Educação Médica – 1981-5271 / A1.	Identificar comportamentos alimentares e imagem corporal como fatores de risco para transtornos do comportamento alimentar em estudantes de Medicina.
5. Comportamento de risco para ortorexia nervosa em estudantes de Nutrição.	Quetsia Jackeline Octacilio Vitorino de Souza; Alexandra Magna Rodrigues (2014).	Jornal Brasileiro de Psiquiatria UFRJ – 1982-0208 / B1.	Identificar comportamento de risco para o desenvolvimento de ortorexia nervosa em estudantes de Nutrição.

TÍTULO	AUTORES /ANO	REVISTA/ ISSN / QUALIS	OBJETIVOS
6. Atitudes alimentares em universitários dos cursos de Nutrição, Educação Física e Psicologia de uma instituição privada.	Ana Lúcia Alves Caram; Isabela Francine Lazarine (2013).	Revista do Instituto de Ciências da Saúde –0104-1894 / B3.	Avaliar as atitudes alimentares pontuando o risco de desenvolver transtornos alimentares entre universitários.
7. Autoavaliação de peso corporal e classificação do índice de massa corporal de estudantes do ensino superior de Cacoal – RO.	Cleber Lizardo de Assis et al. (2013).	Mudanças – Psicologia da Saúde – 2176-1019 / B4.	Analisar a autoavaliação que estudantes de ensino superior fazem do peso corporal, e comparar sua autoavaliação da imagem corporal com a classificação de massa corpórea.
8. Avaliação psicométrica da Escala de Influência dos Três Fatores (EITF).	Ana Carolina Soares Amaral et al. (2013).	Psicologia: Reflexão e Crítica – 1678-7153 / A1.	Avaliar as qualidades psicométricas da Escala de Influência dos Três Fatores (EITF) entre jovens brasileiros, de ambos os sexos.
9. Propriedades psicométricas da Escala de Atitudes Alimentares Transtornadas para adultos do sexo masculino.	Marle dos Santos Alvarenga et al. (2013).	Jornal Brasileiro de Psiquiatria UFRJ – 1982-0208 / B1.	Avaliar as propriedades psicométricas da Escala de Atitudes Alimentares Transtornadas para universitários do sexo masculino.
10. Risco para transtornos alimentares em escolares de Salvador, Bahia, e a dimensão raça/cor.	Liliane de Jesus Bittencourt et al. (2013).	Revista de Nutrição – 1678-9865 / B1.	Estimar a existência de fatores de risco associados aos transtornos alimentares em escolares da cidade de Salvador, Bahia, por meio da dimensão étnico-racial como fator de heterogeneidade.
11. Frequência de comportamentos alimentares inadequados e sua relação com a insatisfação corporal em adolescentes.	Tatiana Araújo Bertolino da Silva et al. (2012).	Jornal Brasileiro de Psiquiatria UFRJ – 1982-0208 / B1.	Descrever a relação da frequência de insatisfação com a imagem corporal e a presença de sintomas de transtornos alimentares em estudantes de uma escola pública estadual.

TÍTULO	AUTORES /ANO	REVISTA/ ISSN / QUALIS	OBJETIVOS
12. Influência do estado nutricional no risco para transtornos alimentares em estudantes de Nutrição.	Janiara David Silva et al. (2012).	Revista Ciência e Saúde Coletiva – 1413-8123 / A1.	Avaliar a relação da alteração do comportamento alimentar, associado à insatisfação com a imagem corporal e o estado nutricional de universitárias de Nutrição.
13. Perfil epidemiológico de adolescentes vítimas de <i>bullying</i> em escolas públicas e privadas.	Emilly Anne Cardoso Moreno et al. (2012).	Revista Enfermagem UERJ – 0104-3552 / B1.	Comparar resultados relativos ao perfil de adolescentes vítimas de <i>bullying</i> de escolas públicas e privadas.

Fonte: Dados da revisão sistemática (2017)

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro artigo, de Bento e colaboradores (2016), foi realizada uma pesquisa transversal do tipo quantitativa com 174 indivíduos, selecionados por conveniência, do sexo feminino, com idade entre 18 e 26 anos dos cursos de Enfermagem, Fisioterapia e Nutrição de uma Universidade de Petrolina/PE. O intuito foi identificar a prevalência de comportamentos de risco para TA, imagem corporal e estado nutricional das estudantes, visto que estudos deste caráter são escassos na região. Constataram que há relação entre os cursos e o risco de desenvolver TA, principalmente para o curso de Nutrição, seguido de Enfermagem e por último Fisioterapia, apesar dos resultados evidenciarem baixa prevalência de insatisfação corporal entre os cursos, estando a maioria das estudantes com estado nutricional na faixa de normalidade.

Houve um número significativo de estudantes com risco de desenvolver algum tipo de TA, assim como distorção da imagem corporal, apesar da maior parte estar em eutrofia, principalmente no curso de Nutrição. Os autores ressaltam que são necessárias mais pesquisas para melhor compreensão de fatores que podem desencadear tais TA em universitários da área da saúde, uma vez que estes se tornarão profissionais sujeitos a influenciar pessoas com sua forma de pensar. Porém, apesar de revelarem preocupação, não há nenhuma ação de intervenção ou prevenção realizada durante o estudo, e nem citam a importância da realização do mesmo (BENTO et al., 2016).

No segundo artigo, Lofrano-Prado e colaboradores (2015) realizaram um estudo transversal com 408 universitários matriculados no primeiro semestre de um programa de bacharel em Ciências da Saúde, que compreende Medicina, Nutrição, Educação Física, Fisioterapia, Odontologia, Enfermagem e Terapia Ocupacional de universidades públicas de Recife/PE, com 125 homens e 283 mulheres e idade entre 18 e 23 anos. Tinham o propósito de explorar a relação entre fatores perinatais/neonatais e sintomas de TA nesta população, realizando a avaliação por meio da aplicação de questionários e medidas antropométricas. Foi o primeiro estudo deste tipo realizado em uma amostra não clínica, no qual identificaram associação entre complicações obstétricas, risco de desenvolvimento de doenças psiquiátricas e sintomas de BN, assim como idade materna inferior a 25 anos no momento do parto ser um fator de risco para sintomas de AN. O estudo indica que o peso ao nascer, a amamentação, o tipo de parto e a ordem de nascimento não influenciam nas chances do surgimento de TA.

Assim, os autores sugerem que cuidados são necessários para evitar o aumento da incidência de TA nas universidades, oferecendo suporte psicológico aos alunos desde o início dos cursos, além de prover informações a respeito da prevenção, a fim de evitar futuras complicações. Contudo, não realizam nenhum tipo de intervenção para prevenção de TA (LOFRANO-PRADO et al., 2015).

O terceiro artigo, de Batista e colaboradores (2015), trata de uma pesquisa transversal, quantitativa e descritiva, com uma amostra de 211 graduandos (170 mulheres e 41 homens) dos cursos de Estética, Nutrição e Educação Física de universidades de Juiz de Fora/MG. O objetivo da pesquisa foi analisar a prevalência de insatisfação corporal, comportamento alimentar inadequado, checagem corporal e influência da mídia nos estudantes, visto que são cursos da área da saúde que lidam diretamente com a aparência física, com um público mais propenso a preocupações com o próprio corpo.

Os resultados demonstraram que as mulheres apresentaram maior prevalência de insatisfação corporal do que os homens, assim como também são mais vulneráveis a adotarem condutas de comportamento alimentar prejudiciais à saúde. Quanto à influência da mídia e dos padrões sociais pré-estabelecidos, houve uma igualdade no percentual de homens e mulheres, ambos adotando comportamentos como dietas inadequadas, cirurgias plásticas e exercícios exacerbados para alcançar magreza ou muscularidade. Em ambos os sexos, quanto maior a insatisfação corporal dos indivíduos, maior também foram os Índices de Massa Corporal (IMC), o comportamento alimentar inadequado, a influência da mídia e a checagem corporal (BATISTA et al., 2015). Com isso, os autores incentivam novos estudos que avaliem a influência de fatores na insatisfação corporal, tais como nível socioeconômico, nível de atividade física, depressão e autoestima, principalmente com estudantes do curso de Estética, pois ainda não há dados consistentes com essa população. Consideram que tais pesquisas poderiam

incentivar ações preventivas para auxiliar na conscientização dos estudantes a terem uma melhor aceitação do seu próprio corpo, mas não as realizaram (BATISTA et al., 2015).

No quarto artigo, Bosi e colaboradores (2014) realizaram uma pesquisa de campo quantitativa do tipo transversal, com 189 alunas matriculadas no curso de Medicina de uma universidade pública do Rio de Janeiro/RJ, a qual foi iniciada com uma sensibilização acerca da relevância da pesquisa junto à direção da faculdade, professores e alunos. Foi aplicado um questionário e realizada a medição antropométrica pelo cálculo do IMC, a fim de analisar a prevalência de comportamentos alimentares anormais associados aos TA, assim como a composição corporal e o grau de satisfação com a imagem corporal dos envolvidos. Puderam observar uma elevada prevalência de comportamentos alimentares anormais ou de risco para desenvolvimento de TA, além de confirmarem insatisfação com a imagem corporal nas estudantes, embora a maioria não apresente sintomas severos e possuam IMC dentro dos padrões de eutrofia. Estes fatores podem ser possíveis preditores de risco de desenvolvimento de TA.

Neste estudo, os autores relatam que as alunas que se identificaram com as questões apresentadas buscaram orientação junto aos pesquisadores e foram encaminhadas para serviços de tratamento de TA da instituição. Indicam a necessidade de mais estudos para compreender estas associações, para que se possa desenvolver ações para minimizar o surgimento e sofrimento ligados aos TA (BOSI et al., 2014).

O quinto artigo, de Souza e Rodrigues (2014), é um estudo quantitativo descritivo e transversal, com a população composta por 150 alunas do sexo feminino matriculadas no curso de Nutrição de uma universidade em Vale do Paraíba do Sul/SP, com idade igual ou maior de 18 anos. Os autores tiveram a intenção de identificar comportamento de risco para o desenvolvimento de ortorexia nervosa entre as envolvidas, assim como a associação desse comportamento com o estado nutricional, percepção da imagem corporal e série cursada.

Assim, observaram que 88,7% das alunas apresentaram comportamento de risco para ON, que a maioria das alunas (74%) possuem IMC na faixa de normalidade, enquanto 14,7% estavam com sobrepeso, 3,3% com obesidade e 8% abaixo do peso recomendado para a idade. Além disso, 75% das universitárias apresentaram distúrbios de imagem corporal, pois indicaram uma autoimagem maior do que o IMC correspondente (SOUZA; RODRIGUES, 2014).

Os autores suscitam a necessidade de novas pesquisas para melhor compreensão a respeito de comportamentos ortoréxicos e possíveis influências sobre as atitudes alimentares, porém, não discutem a necessidade de ações de intervenção para com a população (SOUZA; RODRIGUES, 2014).

No sexto artigo, Caram e Lazarine (2013) realizaram um estudo quantitativo descritivo e transversal, com 119 universitários cursando o primeiro ano de Nutrição, Educação Física e Psicologia, de ambos os

gêneros, de 18 a 53 anos, por meio de um questionário acerca do padrão alimentar, imagem corporal e classificação do IMC. Houve interesse em verificar a presença de risco de TA nesse grupo, pois são futuros profissionais que estarão envolvidos com o tema em seu dia a dia. Mesmo a maioria da população mantendo-se com IMC na faixa de normalidade, pôde-se observar fatores de descontentamento com a imagem corporal, preocupação excessiva com o peso e formas de emagrecimento nocivas à saúde.

Os autores verificaram maior risco para desenvolver TA em estudantes do sexo feminino do curso de Nutrição, seguidos de Psicologia e, por último, de Educação Física e concluíram incentivando as investigações das causas para o surgimento de TA nos universitários em geral, mas não descreveram a necessidade de ações de intervenção ou prevenção (CARAM; LAZARINE, 2013).

No sétimo artigo, de Assis e colaboradores (2013), foi feito um estudo quantitativo transversal com 86 estudantes universitários acima de 18 anos, sendo 45 do sexo masculino e 41 do sexo feminino, a fim de considerar a autoavaliação que os universitários fazem do peso corporal, assim como comparar com a classificação do IMC. Constataram que a maioria (47,7%) dos participantes considera que está um pouco acima do peso ideal, enquanto 16,3% se consideram um pouco abaixo do peso ideal, o que totaliza 64% dos sujeitos insatisfeitos com o peso. Em geral, as mulheres se avaliaram com peso acima do real, enquanto os homens tenderam a subestimar o próprio peso.

Os autores apontam a necessidade de pesquisas futuras que relacionem o peso corporal com os padrões de beleza apresentados nos meios de comunicação em massa. Os mesmos demonstram a intenção de realizar um levantamento para comparar os resultados com pesquisas internacionais, assim como novas pesquisas que comparem os dados com outras regiões do Brasil. Destacam, ainda, a necessidade de estratégias para ações preventivas de TA que relacionam peso e imagem corporal, além do tratamento para aqueles indivíduos que já o possuem, mas não as realizam (ASSIS et al., 2013).

No oitavo artigo, Amaral e colaboradores (2013) realizaram uma pesquisa quantitativa com 475 universitários, sendo 280 mulheres e 195 homens, de uma instituição pública brasileira, com idades entre 18 e 29 anos, e com IMC médio de 21,6 Kg/m² para mulheres e 23,6 Kg/m² para homens. Aplicaram um questionário para avaliar as qualidades psicométricas dos estudantes, utilizando a Escala de Influência dos Três Fatores (EITF), sendo eles família, amigos e mídia. Como resultado, comprovaram a correlação entre insatisfação corporal, antropometria e condições psicométricas presentes nas questões.

Desse modo, concluem apenas que é preciso mais estudos com a EITF para comparar as diferenças encontradas entre os sexos, assim como sua utilização por grupos clínicos de pacientes com TA, sem demonstrar interesse em ações de prevenção ou intervenção (AMARAL et al., 2013).

O nono artigo, escrito por Alvarenga e colaboradores (2013), utilizou a Escala de Atitudes Alimentares Transtornadas (EAAT) adaptada do sexo feminino para medir sua validade entre o sexo masculino, com idade entre 18 e 39 anos, com a participação de dois grupos: 228 estudantes universitários e pacientes de um grupo de atendimento a homens com TA. Devido ao objetivo de a pesquisa ter sido direcionada apenas à validação dessa escala, não tratou, em nenhum momento, sobre a necessidade de ações de intervenção ou prevenção, apenas sugere-se uma revisão do instrumento e desenvolvimento de escalas específicas para o público masculino (ALVARENGA et al., 2013).

O décimo artigo, de Bittencourt e colaboradores (2013), é uma pesquisa quantitativa do tipo transversal realizada com 626 estudantes do sexo feminino, na faixa etária de 15 a 30 anos, residentes em Salvador/BA, matriculadas no Ensino Médio ou em cursos de Nutrição, Medicina, Enfermagem, Educação Física e Psicologia. Foi aplicado um questionário para estimar a existência de fatores de risco para TA, por meio da dimensão étnico-racial como fator de heterogeneidade, assim como avaliação antropométrica. Os resultados demonstram que as jovens de cor amarela ou indígenas são as mais susceptíveis a desenvolver algum tipo de TA, contrariando a hipótese dos autores de que as mulheres negras teriam tal destaque por sofrerem a pressão da cultura branca/europeia dominante no país. Ser aluna de universidade particular também demonstrou ser um fator de risco, e a depressão precisa ser considerada, por ter sido uma comorbidade presente.

Entre os autores, apenas foi discutido que sentiram falta de diagnósticos que considerem as diferenças culturais e étnicas ligadas ao ideal de corpo e comportamentos alimentares, para que assim possam ser promovidas ações preventivas de TA (BITTENCOURT, et al., 2013).

No décimo primeiro artigo, Silva e colaboradores (2012) realizaram um estudo quantitativo com 300 adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária de 10 a 17 anos, estudantes de uma escola pública de Recife/PE. Tiveram a intenção de pesquisar a relação entre a insatisfação com a imagem corporal e a presença de sintomas de TA em adolescentes, utilizando um questionário com três escalas autoaplicativas para rastreamento. Observaram como características frequentes o desejo de ser magro, intolerância ao excesso de peso e preocupação obsessiva com a comida, sendo o sexo feminino mais propício aos sintomas.

Os autores sugerem o desenvolvimento de campanhas e programas que estimulem a aceitação corporal e a adoção de hábitos alimentares e de vida saudáveis, assim como ações para reduzir a influência da mídia acerca da imposição de padrão de beleza ideal, para que, dessa forma, diminuam os sintomas de fatores de risco para TA em adolescentes (SILVA et al., 2012).

O décimo segundo artigo, de Silva e colaboradores (2012), é um estudo epidemiológico transversal com 175 universitárias do sexo feminino, com 18 anos de idade ou mais, do curso de Nutrição de uma universidade federal de Ouro Preto/MG. O intuito era avaliar a relação entre a alteração do comportamento alimentar com a insatisfação da imagem corporal dessa população. Para avaliação do comportamento de risco para TA, responderam um questionário de Teste de Atitudes Alimentares (EAT-26); e para avaliação da imagem corporal, responderam o Questionário de Imagem Corporal (BSQ), além da avaliação antropométrica. Puderam perceber que as estudantes de Nutrição com sobrepeso e obesidade, percentual de gordura corporal aumentado e circunferência de cintura acima dos valores de referência apresentam 5 a 9 vezes mais chance de insatisfação com a imagem corporal e alto risco de desenvolvimento de TA. Em nenhum momento foi abordada a necessidade de ações de prevenção e intervenção para TA pelos autores (SILVA, et al., 2012).

E no décimo terceiro artigo, Moreno e colaboradores (2012) realizam um estudo quantitativo, transversal, descritivo e exploratório, com o objetivo de comparar resultados relativos ao perfil de adolescentes vítimas de *bullying* entre escolas públicas e privadas de Recife/PE, com informações obtidas a partir do banco de dados de uma pesquisa epidemiológica populacional. Foram avaliados 1.507 estudantes, na faixa etária de 10 a 14 anos, de ambos os sexos e, destes, foram selecionados apenas aqueles que se auto declararam vítimas de *bullying* no ambiente escolar, ficando uma amostra de 558 adolescentes. Os autores observaram que não houve diferença significativa para a incidência de vítimas nos dois ambientes escolares, com prevalência do sexo feminino. Em relação à aparência pessoal, ambos os grupos se consideram satisfeitos com a autoimagem, sem dificuldades para se olhar no espelho. Mesmo assim, foram considerados indivíduos vulneráveis e necessitados de suporte para a saúde mental. Sendo assim, consideram a importância de ações educativas que possibilitem às vítimas de *bullying* um espaço concreto de confiança interpessoal, uma vez que as maiores dificuldades das mesmas são refletidas pelo silêncio (MORENO, et al., 2012).

Portanto, a partir dos trabalhos aqui apresentados, pôde-se observar que nenhum dos 13 estudos apresentou como objetivo ou realizou, de fato, alguma ação de intervenção em TA nos públicos referidos. No entanto, sete pesquisas demonstram certa preocupação para a necessidade de desenvolvimento de programas de orientação (LOFRANO-PRADO et al, 2015; BATISTA et al., 2015, BOSI et al, 2014, ASSIS et al., 2013, BITTENCOURT et al., 2013, SILVA et al., 2012, MORENO et al., 2012).

Silva e colaboradores (2012) indicam a relevância de campanhas e programas que favoreçam a aceitação corporal e busquem reduzir a influência da mídia acerca da imposição do padrão de beleza ideal, assim como orientações para hábitos alimentares e de vida saudáveis, e Lofrano-Prado et al.

(2015) também sugerem ações preventivas, assim como suporte psicológico aos alunos desde o início dos cursos.

Destacamos, ainda, que é frequente nesta população o desejo de ser magro, intolerância ao excesso de peso e preocupação obsessiva com a comida (SILVA et al, 2012), e que as mulheres se avaliam com peso acima do real (ASSIS et al, 2012), apresentam maior prevalência de insatisfação corporal e são mais vulneráveis a adotarem condutas de comportamento alimentar prejudiciais à saúde (BATISTA et al.,2015).

4 CONSIDERAÇÕES

A partir dessa revisão sistemática, identificou-se que há uma preocupação principalmente a respeito dos fatores de risco que podem desencadear o surgimento de TA em estudantes brasileiros, levando em consideração características como insatisfação da imagem corporal, preocupação excessiva com o peso, influência da mídia com a imposição de padrões de beleza, entre outros aspectos. A área de pesquisa com maior número de publicações dessa problemática é a área da Saúde, principalmente nos campos da Nutrição e da Psicologia.

Constatou-se, também, um número bastante reduzido de artigos em Português que discutem TA em estudantes brasileiros nos últimos cinco anos, o que pode dificultar o acesso a informações por parte de interessados no assunto.

Dos 13 trabalhos analisados, nenhum realizou algum tipo de ação de intervenção ou prevenção de TA, apesar de sete artigos discutirem essa necessidade, a fim de diminuir a incidência desses comportamentos entre os estudantes brasileiros.

No entanto, destaca-se a necessidade da realização de pesquisas científicas voltadas a possíveis propostas de ação de prevenção e intervenção de TA realizadas no ambiente escolar, visto que é o ambiente ideal para tratar de um tema tão relevante e comum entre os jovens brasileiros, para que assim possamos auxiliá-los a respeitar e aceitar melhor seus próprios corpos.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. N.; CANGELLI FILHO, R. Anorexia nervosa e bulimia nervosa: abordagem cognitivo-construtivista de psicoterapia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 177-183, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v31n4/22405.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

ALMEIDA, G. A. N. et al. Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: estudo exploratório. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 27-35, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a04.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

ALVARENGA, M. S. et al. Propriedades psicométricas da Escala de Atitudes Alimentares Transtornadas para adultos do sexo masculino. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 4, p. 253-260, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v62n4/a02v62n4.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

ALVARENGA, M. S.; SCAGLIUSI, F. B.; PHILIPPI, S. T. Comportamento de risco para transtorno alimentar em universitárias brasileiras. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 3-7, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v38n1/a02v38n1>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

ALVES, E. et al. Prevalência de sintomas de anorexia nervosa e insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino do Município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 503-512, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n3/04.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

AMARAL, A. C. S. et al. Avaliação Psicométrica da Escala de Influência dos Três Fatores (EITF). **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 213-221, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n2/01.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

AMERICAN DIETETIC ASSOCIATION (ADA). Position of the American Dietetic Association: nutrition intervention in the treatment of eating disorders. **Journal of the American Dietetic Association**, v. 111, p. 1236-1241, 2011. Disponível em: <[http://www.sisdca.it/public/pdf/on-of-the-American-Dietetic-Association,-----nutrition-intervention-in-the-treatment-of-eating-disorders\[1\].pdf](http://www.sisdca.it/public/pdf/on-of-the-American-Dietetic-Association,-----nutrition-intervention-in-the-treatment-of-eating-disorders[1].pdf)>. Acesso em: 18 mai. 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM V – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992 p.

ANDRADE, A.; BOSI, M. L. G. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 117-25, jan./mar. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v16n1/a11v16n1.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

APPOLINARIO, J. C.; CLAUDINO, A. M. Transtornos alimentares. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 28-31, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s2/3793.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

ASSIS, C. L. et al. Autoavaliação de peso corporal e classificação do índice de massa corporal de estudantes do ensino superior de Cacoal (RO). **Mudanças – Psicologia da Saúde**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 30-39, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/3532/3812>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

ASSUMPÇÃO, C. L.; CABRAL, M. D. Complicações clínicas da anorexia nervosa e bulimia nervosa. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 24, n.3, p. 29-33, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v24s3/13968.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

BATISTA, A. et al. Dimensão atitudinal da imagem corporal e comportamento alimentar em graduandos de educação física, nutrição e estética da cidade de Juiz de Fora-MG. **Revista de Educação Física**, Maringá, v. 26, n. 1, p. 69-77, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/refuem/v26n1/1983-3083-refuem-26-01-00069.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

BENTO, K. M. et al. Transtornos alimentares, imagem corporal e estado nutricional em universitárias de Petrolina-PE. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, João Pessoa, v. 20, n. 3, p. 197-202, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rbcs/article/view/26418/15861>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

BITTENCOURT, L. J. et al. Risco para transtornos alimentares em escolares de Salvador, Bahia, e a dimensão raça/cor. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 26, n. 5, p. 497-508, set./out., 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v26n5/a01v26n5.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

BOSI, M. L. M. et al. Comportamento alimentar e imagem corporal entre estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 243-252, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v38n2/a11v38n2.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

BOTELHO, F. M. Corpo, risco e consumo: uma etnografia das atletas de fisiculturismo. **Revista Habitus**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 104-119, jul. 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus/article/view/11307/8257>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

BRANCO, L. M.; HILÁRIO, M. O. E.; CINTRA, I. P. Percepção e satisfação corporal em adolescentes e a relação com seu estado nutricional. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 33, n. 6, p. 292-6, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v33n6/01.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

CARAM, A. L. A.; LAZARINE, I. F. Atitudes alimentares em universitários dos cursos de nutrição, educação física e psicologia de uma instituição privada. **Journal of the Health Sciences Institute**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 71-74, 2013. Disponível em: <https://www.unip.br/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2013/01_jan-mar/V31_n1_2013_p71a74.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2017.

CARVALHO, R. S.; AMARAL, A. C. S.; FERREIRA, M. E. C. Transtornos alimentares e imagem corporal na adolescência: uma análise da produção científica em psicologia. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.11, n. 3, p. 200-223, 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v11n3/v11n3a15.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

CORDEIRO, A. M. et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 428-431, nov./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcbc/v34n6/11.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

DUNKER, K. L. L. Prevenção dos transtornos alimentares: uma revisão metodológica. **Nutrire: Revista Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 195-201, ago. 2009. Disponível em: <http://sban.cloudpainel.com.br/files/revistas_publicacoes/243.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2017.

FIATES, G. M. R.; SALLES, R. K. Fatores de risco para o desenvolvimento de distúrbios alimentares: um estudo em universitárias. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 14 (suplemento) p. 3-6, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v14s0/8756.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

FLEITLICH, B. W. et al. Anorexia nervosa na adolescência. **Jornal de Pediatria**, São Paulo, v. 76, n. 3, p. 323-329, 2000. Disponível em: <<http://www.jped.com.br/conteudo/00-76-s323/port.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. **Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. 1584 p.

LOFRANO-PRADO, M. C. et al. Complicações obstétricas e idade materna no parto são preditores de sintomas de transtornos alimentares em estudantes universitários da área da Saúde. **einstein**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 525-529, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eins/2015nahead/pt_1679-4508-eins-51679-45082015A03366.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2017.

MACEDO, T. T. S. et al. Percepção de pessoas obesas sobre seu corpo. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 19, n.3, p. 505-510, jul./set. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v19n3/1414-8145-ean-19-03-0505.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

MARTINS, M. C. T. et al. Ortorexia nervosa: reflexões sobre um novo conceito. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 345-357, mar./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v24n2/a15v24n2.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

MORENO, E. A. C. et al. Perfil epidemiológico de adolescentes vítimas de *bullying* em escolas públicas e privadas. **Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 808-813, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/6030/4337>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

NUNES, A. L.; VASCONCELOS, F. A. G. Transtornos alimentares na visão de meninas adolescentes de Florianópolis: uma abordagem fenomenológica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.15, n.2, p. 539-550, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n2/v15n2a30.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

PONTES, J. B. **Ortorexia em estudantes de Nutrição: a hipercorreção incorporada ao *habitus* profissional?** 2012. 73 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11131/1/2012_JackelineBarcelosPontes.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2017.

REIS, J. A.; SILVA JUNIOR, C. R. R.; PINHO, L. Fatores associados ao risco de transtornos alimentares entre acadêmicos da área de saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 73-78, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/42441/29926>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

SAIKALI, C. J. et al. Imagem corporal nos transtornos alimentares. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 164-166, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v31n4/22401.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

SÁNCHEZ, R. M.; MORENO, A. M. Ortorexia y vigorexia: Nuevos transtornos de la conducta alimentaria. **Transtornos de la conducta alimentaria**, v. 5, p. 457-482, 2007. Disponível em: <http://www.aytonavalnormal.es/documentos/ortorexia_y_vigorexia.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2017.

SANTROCK, J. W. **Psicologia educacional**. São Paulo: Mcgraw-Hill, 2010. 692 p.

SILVA, J. D. et al. Influência do estado nutricional no risco para transtornos alimentares em estudantes de nutrição. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, p. 3399-3406, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n12/24.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

SILVA, T. A. B. et al. Frequência de comportamentos alimentares inadequados e sua relação com a insatisfação corporal em adolescentes. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 3, p. 154-158, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v61n3/06.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

SOUZA, Q. J. O. V.; RODRIGUES, A. M. Comportamento de risco para ortorexia nervosa em estudantes de nutrição. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 63, n. 3, p. 200-204, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v63n3/0047-2085-jbpsiq-63-3-0200.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

SOUZA, L. V.; SANTOS, M. A. A participação da família no tratamento dos transtornos alimentares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 285-294, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n2/a07v15n2>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

TURKIEWICZ, G. et al. Viabilidade, aceitação e eficácia do tratamento familiar para anorexia nervosa em adolescentes: um estudo observacional no Brasil. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 169-172, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v32n2/aop0110.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

VALDANHA, É. D. et al. Influência familiar na anorexia nervosa: em busca das melhores evidências científicas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 62, n.3, p. 225-233, set. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v62n3/07.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

VITOLLO, M. R.; BORTOLINI, G. A.; HORTA, R. L. Prevalência de compulsão alimentar entre universitárias de diferentes áreas de estudo. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 20-26, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v28n1/v28n1a04.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **2008-2013 Action plan for the global strategy for the prevention and control of noncommunicable disease**. In: Website Oficial da Organização Mundial da Saúde, 2008. Disponível em: <<http://www.who.int/nmh/publications/9789241597418/en/>>. Acesso em: 03 jul. 2017.